

O Colóquio Luso-Espanhol de Cultura Castreja em Carvalhelhos

(4 a 11 de Outubro de 1972)

POR

J. R. dos Santos Júnior

Prof. Cat. da Fac. de Ciências da Universidade do Porto
e Presidente da Sociedade Portuguesa de Antropologia

Há muito acalentava a ideia de a Sociedade Portuguesa de Antropologia, a que tenho a honra de presidir, promover a organização de um colóquio de cultura castreja, no qual arqueólogos portugueses e espanhóis pudessem participar, trazendo, no convívio de alguns dias, o resultado dos seus estudos em castros do noroeste peninsular, isto é, do norte de Portugal e da Galiza.

Vem de há muito o meu interesse pelos castros.

Um dos primeiros trabalhos que elaborei por incentivo e sob orientação do querido Mestre Prof. Mendes Correia, foi sobre um pequenino castro trasmontano, o *Casto da Cigadonha* ⁽¹⁾, que fica em termo da freguesia de Carviçais, concelho de Moncorvo, distrito de Bragança.

Quando visitei aquele castro dei asas à imaginação. Consegui ver os castrejos na sua labuta daquela hora e o rapazio em correrias na prática dos seus jogos infantis ou aos pinchos por cima das muralhas.

(1) J. R. dos Santos Júnior, *As ruínas castrejas da Cigadonha*, publicação do Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto. Porto, 1929, 14 pág., 4 fig.

Quanto cismeï ao estudar aquele castro, percorrendo-o! Depois, sentado num troço da muralha, sem grande esforço de imaginação, em pura abstracção, dei-lhe vida; povoei-o.

Quando acordei daquela evocação, disse para mim mesmo:

— Aqui se viveu, se brincou, se trabalhou, se comeu e bebeu. Aqui se amou, na santificada organização da família; se gozaram alegrias e sofreram tristezas. Aqui se morreu.

Depois que montei, e seguia escarranchado no cavalo em que regressei a Carviçais, ainda imaginei os castrejos, eles e elas, pastoreando os seus rebanhos, e os rapazes vigiando as armadilhas e laços aos coelhos, lebres, perdizes e outra passarada.

Desde então radicou-se no meu espírito um misto de admiração e de respeito pelas velhas ruínas dos nossos castros, onde viveram, durante séculos, várias tribos da remota Lusitânia.

É que, como já o escrevi algures, «as sociedades indígenas castrejas, primeiro celtizadas, a seguir romanizadas e depois cristianizadas, constituíram a base extreme em que entroncou, sólida e firme, a nacionalidade portuguesa.

«Nos castros implantam-se as velhas raízes da nossa nacionalidade.

«E assim, estudar os castros e a cultura castreja é fazer nacionalismo, do mais puro, do mais são.»

*

Entre os castros que tenho tido ensejo de estudar, avulta o Castro de Carvalhelhos ⁽¹⁾.

Há vinte e dois anos, que, todos os anos, em períodos de duração variável, por via de regra de duas a três semanas em cada ano, ali tenho trabalhado e feito escavações.

O Castro de Carvalhelhos situa-se em termo da freguesia de Beça, concelho de Boticas, distrito de Vila Real, e fica sobranceiro às justamente afamadas Águas de Carvalhelhos.

As primeiras campanhas foram subsidiadas pela Empresa destas Águas.

(1) Este castro é «imóvel de interesse público». (Decreto n.º 38 941 de 6 de Novembro de 1951).

À memória do meu querido amigo D. Francisco Gonzalez, que, durante muitos anos, foi inteligente e dinâmico Director da Empresa, presto a minha homenagem, recordando a prontidão e largueza com que subsidiou, e ajudou, os trabalhos iniciais, e, noutras oportunidades, concedeu novos subsídios e ajudas para prosseguimento das escavações.

O Instituto de Antropologia da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, então dirigido pelo meu querido Mestre, Prof. Mendes Correia concedeu-me, em alguns anos, pequenos subsídios para pagamento de serviços.

A Direcção-Geral dos Monumentos (Ministério das Obras Públicas), em três anos sucessivos concedeu-me subsídios da ordem de uma a duas dezenas de milhares de escudos, o que permitiu dar um acentuado avanço aos trabalhos de exploração arqueológica do castro.

O Instituto de Alta Cultura, num ou noutro ano, também concedeu pequenos subsídios que possibilitaram ampliar o âmbito das tarefas em curso.

Com as ajudas e os incentivos das referidas entidades pude, como disse, proceder a escavações no Castro de Carvalhelhos durante vinte e dois anos consecutivos.

Consegui restaurá-lo das ruínas a que o reduziram os ladravazes das pedras das casas e das muralhas, para, com elas, vedarem alguns lameiros e fazerem casas na aldeia de Carvalhelhos.

Pode asseverar-se que um bom número de casas da aldeia foram, em grande parte, construídas com pedras levadas do castro ⁽¹⁾.

⁽¹⁾ Em Março de 1954 um habitante de Carvalhelhos, de nome Alexandre Alves, resolveu fazer uma casa. Contratou quatro carreiros, cada um com seu carro de bois, e, durante uns dias, arrancou pedras da muralha reconstruída e das casas redondas por nós descobertas e em parte isoladas. Comuniquei superiormente o furto das pedras e a vandálica destruição daquilo que, com tanta despesa, gosto e carinho, tínhamos posto a descoberto e íamos procurando repor na sua feição primitiva. O Alexandre Alves foi processado pela Fazenda Pública. Julgado em Chaves não foi condenado a repor as pedras que, por vandalismo, estupidez, ignorância ou maldade, tinham sido tiradas do castro, «imóvel

Com as pedras espalhadas pela encosta do monte em cuja plataforma cimeira foi implantado o castro, mais as que estavam soterradas nos fossos e as caídas junto das muralhas, pudemos refazer as mesmas a uma altura de dois a três metros.

Quanto à restauração parcial do castro, a que procedi em 22 anos de trabalho, com os elementos que ia tendo à mão, apraz-me reproduzir o voto que a representação galega ao Colóquio de Carvalhelhos apresentou na sessão de encerramento do mesmo.

Foi apresentado nestes termos:

«A representação galega declara considerar modelar a restauração do Castro de Carvalhelhos e solicita às entidades portuguesas o referendo desta afirmação.»

*

O Castro de Carvalhelhos foi, digamos, o núcleo em torno do qual se resolveu organizar o 1.º Colóquio de Cultura Castreja.

Juntaram-se-lhe mais dois castros. O de S. Vicente da Chã (Pisões), no concelho de Montalegre, onde o Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia» realizou cinco campanhas de escavações subsidiadas pela Empresa Hidroeléctrica do Cávado, e mais o Castro de Sabrosa, no concelho do mesmo nome, onde, há uns dez anos, se vêm realizando escavações, que têm sido por nós orientadas.

Foram estes três castros trasmontanos e os trabalhos neles

de interesse público» havia já dois anos (Decreto n.º 38 941 de 6 de Novembro de 1951).

A impunidade é um incentivo para os manhosos, sob a capa do não sabia, do «não tinha conhecimento», continuarem a fazer destruições sucessivas.

Passados três anos, em Agosto de 1957 fui informado de que a importante estação de arte rupestre do *Outeiro Machado*, na Abobeira, perto de Chaves, tinha sido parcialmente destruída.

A cobiça no tesouro que a lenda dizia existir dentro daquele penedo, levou um vandálico pesquisador de tesouros a broqueá-lo e, a tiro, estilhaçar-lhe uma ponta.

Não era de mais que o destruidor fosse obrigado a repor na posição primitiva os pedaços que fizera saltar a tiro.

Não consta que tenha havido procedimento contra o vândalo.

A impunidade continua.

realizados, que fizeram surgir a ideia dum Colóquio de Cultura Castreja em Carvalhelhos.

A Empresa das Águas de Carvalhelhos acolheu a nossa ideia em imediata anuência, prontificando-se a receber os participantes do Colóquio como seus hóspedes de honra.

Com a pronta anuência e o franco incentivo dos Senhores Orlando Gonzalez e António Setas, Administradores da Empresa, pudemos dar início à organização do Colóquio em Carvalhelhos de 4 a 11 de Outubro deste ano de 1972.

A Empresa das Águas de Carvalhelhos, generosamente, e em louvável atitude mecênica, concedeu-nos amplitude para convite a participantes, chegando a pôr a hipótese de, se necessário fosse, transportar e instalar na Pousada de Chaves aqueles que, porventura, não pudessem ficar em Carvalhelhos na sua Estalagem.

Embora tal atitude fosse muito de louvar e de apreciar, julgou-se conveniente reduzir o número de participantes, convidando apenas alguns dos arqueólogos que mais especialmente se têm dedicado ao estudo dos castros do noroeste peninsular.

Sem dúvida que a participação de outros arqueólogos, quer portugueses quer espanhóis, seria altamente proveitosa para o estudo e esclarecimento de vários problemas em torno da cultura castreja, cujo desenvolvimento e evolução decorreu na Idade do Ferro, período post-halstático, e pode fixar-se desde o século V ou VI a. C. ao século II depois de Cristo.

No entanto, e por circunstâncias de várias naturezas, julgou-se conveniente que o I Colóquio de Cultura Castreja congregasse um pequeno número de arqueólogos.

Com a participação, já referida, da Empresa das Águas de Carvalhelhos, das Câmaras Municipais de Chaves e de Sabrosa, da Empresa Portuguesa de Electricidade, bem como da Fundação Gulbenkian e do Instituto de Alta Cultura pôde-se organizar o seguinte programa de trabalhos.

Dia 4 (4.^a-feira) — Chegada a Carvalhelhos e instalação.

Noite — Saudação e cumprimentos aos participantes no Colóquio pelo Presidente da Sociedade Portuguesa de Antropologia.

- Dia 5 (5.^a-feira) — Manhã 10 h — Visita ao Castro de Carvalhelhos; escavação do miolo duma casa castreja, que poderá prosseguir da parte de tarde.
Tarde 15 h — Colóquio.
Noite 21 h — Colóquio.
- Dia 6 (6.^a-feira) — Manhã 10 h — Colóquio.
Tarde — Ida a Chaves, que fica a 33 km de Carvalhelhos.
14,30 h — Visita ao Castro de Curalha, que fica a caminho de Chaves e a cerca de 3 km desta cidade. O Castro de Curalha fica a uns 800 metros da estrada.
16 h — Visita a Chaves — Ponte romana e Museu Municipal.
18 h — Recepção pela Câmara Municipal que oferece um pør-do-sol.
- Dia 7 (Sábado) — Manhã 10 h — Colóquio.
Tarde 15 h — Colóquio.
- Dia 8 (Domingo) — 08 h — Missa por alma de D. Francisco Gonzalez e de seu filho Orlando Gonzalez.
09 h — Abalada para visita ao Castro de Sabrosa.
Chegada a Sabrosa às 10,30 h, visita ao Castro, que, há cerca de 10 anos, está a ser escavado sob orientação do Inst. de Antropologia «Dr. Mendes Correia» da Universidade do Porto. As escavações têm sido acompanhadas pelos Senhores Joaquim Ervedosa, delegado concelhio da 1.^a Subsecção da 2.^a Secção da Junta Nacional de Educação, e pelo Delegado Escolar no concelho de Sabrosa, professor Manuel Alfredo Sousa Castro Marques.
Às 13 h — Almoço volante oferecido pelo Sr. Joaquim Ervedosa.
Às 15 h — Visita ao santuário de Panóias que fica a cerca de 4 km de Sabrosa.
- Dia 9 (2.^a-feira) — Manhã — Colóquio.
Tarde — Colóquio.
- Dia 10 (3.^a-feira) — Manhã — Colóquio.
Tarde — Visita ao Castro de Lesenho, situado a cerca de 1 000 metros de altitude e a uns 5 km de Carvalhelhos, ou ao Castro de S. Vicente da Chã (Pisões), onde o Instituto de Antropologia Dr. «Mendes Correia» realizou escavações durante 5 anos, subsidiadas pela Empresa Hidroeléctrica do Cávado.
Noite — Sessão de encerramento.
- Dia 11 (4.^a-feira) — Abalada de Carvalhelhos.

Acederam ao nosso convite alguns arqueólogos portugueses e espanhóis que gentilmente participaram no Colóquio com os trabalhos que figuram na lista que se segue.

Lista dos trabalhos anunciados

- Prof. A. Garcia y Bellido, Director do Instituto Español de Arqueologia «Rodrigo Caro», Madrid — *Los grupos de casas en las ciudades castreñas.*
- Prof. Juan Maluquer de Motes, Director del Museo Arqueológico da Universidade de Barcelona — *Tradición y novedades en el desarrollo de la cultura de los castros del noroeste peninsular.*
- José Filgueira Valverde, Director do Museo Municipal de Pontevedra — *O ouro nos castros galegos.*
- Fermin Bouza-Brey — *características e particularidades dos castros dos arredores de Compostela.*
- Joaquin Lorenzo Fernandez — *Metamorfosis de unha casa castrexa.*
- Modesto Rodriguez Figueiredo — *Outra vez co a ofiolatria: dous achadegos interesantes.*
- Jesus Taboada Chivite — *La romanización del habitat castreño.*
- Prof. Bairrão Oleiro, Director-Geral dos Serviços Culturais (Ministério da Educação Nacional) — *Notas sobre cultura castreja.*
- Prof. D. Fernando de Almeida, Director do Museo Arqueológico do Dr. Leite de Vasconcelos (Lisboa) — *A mineração e a ourivesaria castreja.*
- Prof. Arq.^o Rogério de Azevedo — *Uma teoria sobre os castros.*
- D. Domingos de Pinho Brandão, Bispo-auxiliar do Porto. *O Castro do Monte do Castelo — Penha Longa (Marco de Canaveses).*
- Dr. Adriano Vasco Rodrigues — *A Educação na cultura castreja.*
- Dr.^a D. Maria d'Assunção Carqueja Rodrigues — *Alguns Castros da região da Guarda.*
- Prof. J. R. dos Santos Júnior — *Notáveis condições de defesa do Castro de Carvalhelhos — Alguns problemas castrejos: cobertura das casas.*

Dr. Octávio da Veiga Ferreira — *Antecedentes pré-históricos dos Castros da Idade do Ferro: os Castros da Idade do Cobre em Portugal.*

Coronel Mário Cardoso — Convidado, pediu escusa por motivo de doença, o que muito se lamenta.

4 de Agosto de 1972

Sem dúvida que outros arqueólogos, quer portugueses quer espanhóis, era nosso desejo tê-los como companheiros no Colóquio.

Porém, como se referiu, houve que reduzir o número de convidados, embora, como já disse, a Empresa das Águas de Carvalhos se prontificasse a transportar e a instalar na Pousada e hotéis de Chaves um certo número de participantes.

Acompanharam os trabalhos do Colóquio as licenciandas da Faculdade de Letras de Lisboa, senhoras D. Nídia Maria Pereira de Almeida e D. Maria José Fialho Garção, alunas do Prof. Doutor D. Fernando de Almeida, ilustre Director da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, que teve a louvável iniciativa de as levar consigo.

Estas senhoras secretariaram as sessões do Colóquio, tendo prestado muito bons serviços.

Também foram participantes do Colóquio o Arquitecto Fernando Lanhas e o P. António da Eira e Costa, cujos trabalhos, respectivamente, *Continuidade de gravados rupestres (covichas) no âmbito castrejo* e *O Castelo do Mau Vizinho* não houve ensejo de serem apresentados (1).

Por amável deferência do Sr. Coronel Mário Cardoso, que não pôde tomar parte no Colóquio, é publicado o seu trabalho *La culture des «castros» du nord du Portugal.*

Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia»

Faculdade de Ciências — Univ. Porto

Outubro de 1972

(1) O Arq.º Lanhas não apresentou o trabalho prometido.

RECEPÇÃO AOS PARTICIPANTES NO COLÓQUIO

Na tarde do dia 4 de Outubro chegaram alguns arqueólogos portugueses e espanhóis, e suas esposas, que a Empresa das Águas de Carvalhelhos recebeu e aposentou nas primorosas instalações da sua Estalagem.

À noite o Prof. Santos Júnior, organizador do Colóquio e Presidente da Sociedade Portuguesa de Antropologia, numa primeira sessão de trabalhos, saudou aqueles que, acedendo ao seu convite, enviaram os temas dos trabalhos anunciados, e bem assim os presentes que ali vieram para expor os resultados dos seus estudos de anos de trabalho sobre os castros do noroeste peninsular.

Apresentou agradecimentos à Empresa das Águas de Carvalhelhos nas pessoas da Ex.^{ma} Senhora Dona Cândida Gonzalez, viúva de D. Francisco Gonzalez, o grande impulsionador da grande e próspera Empresa das Águas de Carvalhelhos e de seu genro, o Sr. António Setas, actual Presidente do Conselho de Administração da Empresa, por terem, desde a primeira hora, abraçado a sugestão do Prof. Santos Júnior de ali reunir, em torno do Castro de Carvalhelhos, um grupo de arqueólogos portugueses e espanhóis, recebidos como seus hóspedes de honra.

Agradecimentos são também devidos à Empresa pelo muito que tem auxiliado as escavações do castro, que, em alguns anos, têm sido por ela totalmente subsidiadas.

É bem de louvar a mecénica atitude desta notável empresa que também se prontificou a ajudar a publicação dos trabalhos deste Colóquio, se tal for preciso.

O Prof. Santos Júnior, informou que a Fundação Gulbenkian concederá um subsídio de duas dezenas e meia de milhares de escudos para a publicação dos trabalhos deste Colóquio, pelo que ao seu Conselho de Administração são devidos agradecimentos, que lhe é grato testemunhar, mais uma vez naquele momento.

Também ao Instituto de Alta Cultura são devidos agradecimentos pela verba concedida para a preparação do Colóquio e dos castros de S. Vicente da Chã (Pisões) e de Sabrosa, cujas

escavações têm sido feitas ou dirigidas pelo Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia» da Universidade do Porto, e que figuram no programa do Colóquio como estações arqueológicas a visitar.

O Prof. Santos Júnior leu uma carta que o Prof. Garcia y Bellido lhe escreveu poucos dias antes do inesperado falecimento deste ilustre arqueólogo espanhol, que estava inicialmente disposto a participar no Colóquio de Carvalhelhos com o trabalho atrás indicado.

Lamenta o desaparecimento daquele insigne Professor da Universidade Central de Madrid, espírito culto e brilhante e um dos mais distintos arqueólogos espanhóis. A sua morte foi uma grande perda para a Arqueologia peninsular, na qual era um reputado e consagrado Mestre.

Foram guardados alguns momentos de silêncio em homenagem à memória daquele insigne Professor e sábio arqueólogo.

Visita de estudo a Chaves

A tarde do dia 6 de Outubro foi dedicada a Chaves.

À meia tarde e à chegada àquela cidade os arqueólogos participantes no Colóquio dirigiram-se à Câmara e ali foram recebidos pela edilidade flaviense. O organizador do Colóquio numa breve saudação apresentou agradecimentos ao ilustre presidente Sr. Dr. José Agostinho Freire Pizarro.

A robusta ponte romana que atravessa o Tâmega foi visitada, e nela, demoradamente, apreciadas as duas colunas que se erguem a meio da mesma, uma delas com a indicação das «gens» ou tribos que participaram na construção daquela esplêndida ponte.

Seguiu-se a visita ao Museu Municipal, onde o ilustre Presidente da Câmara e alguns vogais da mesma aguardavam os arqueólogos visitantes.

O Sr. Dr. Francisco Gonçalves Carneiro, distinto advogado em Chaves, que tem orientado a organização do Museu, dirigiu

saudações aos arqueólogos visitantes e fez uma breve resenha da criação e crescimento daquele Museu.

O organizador do Colóquio e o Sr. Prof. Doutor D. Fernando de Almeida, disseram breves palavras de agradecimento, pelo modo como estavam a ser recebidos e de apreço e interesse pela visita àquele Museu.

Seguiu-se a visita, que foi demorada, pois ali estão expostos espécimes de grande interesse arqueológico que fornecem valiosos elementos para o conhecimento da história da região flaviense.

Foi especialmente apreciada a colecção lapidar que o Sr. Dr. Gonçalves Carneiro ciceronou na visita, dando, de cada objecto ou colecção expostas, eruditas informações complementares. Foi uma visita muito proveitosa.

Ao fim da tarde a Câmara brindou os arqueólogos portugueses e espanhóis com um pôr-do-sol, excelente merenda, primorosamente servida no moderno balneário das Termas de Chaves, de construção recente, que goza da justa fama de ser o melhor do nosso país e um dos melhores da península.

Houve trocas de brindes e saudações entre alguns arqueólogos portugueses e espanhóis e o ilustre Presidente da Câmara, que organizou tão excelente como cativante recepção.

Visita ao Castro de Sabrosa

No dia 8 de Outubro, domingo, o Senhor D. Domingos de Pinho Brandão, Reverendíssimo Bispo-Auxiliar do Porto, muito distinto arqueólogo e participante do Colóquio, celebrou missa por alma de D. Francisco Gonzalez, o inteligente e dinâmico impulsor da Empresa de Carvalhelhos, e de seu filho Orlando Gonzalez, este falecido havia meses. Foi brilhante a homilia pronunciada por Sua Excelência Reverendíssima.

No final da missa, em cortejo automóvel, seguiu-se para Sabrosa, onde se chegou um pouco depois das 10 horas e meia.

Foi-se directamente ao castro pela estrada que leva a umas escassas três centenas de metros da primeira muralha, ou muralha exterior.

Entre as muitas pessoas que nos esperavam estava o Sr. Joaquim Ervedosa, delegado no concelho de Sabrosa da 1.^a Sub-Secção da 2.^a Secção (Arqueologia e Belas Artes) da Junta Nacional de Educação. O Sr. Ervedosa tem sido o inteligente e dinâmico obreiro das escavações do castro de Sabrosa. Tem acompanhado os serviços, e até subsidiado um certo número de trabalhos feitos no castro.

Tem sido seu braço direito, e mais directo acompanhante do pessoal em trabalhos de escavação e de restauro do castro, o Sr. Prof. Manuel Alfredo Sousa Castro Marques, distinto Delegado Escolar em Sabrosa.

Muito se deve a estes dois dedicados e entusiastas obreiros da grande valorização daquele grande castro, já classificado imóvel de interesse público, com manifesto interesse turístico crescente, dada a frequência e o número dos visitantes que tem tido.

A visita incidiu especialmente no recinto cimeiro circundado por uma muralha em arco, com cinco rampas de acesso. Ali se vê uma sucessão de paredes ou muros que podem ter formado a borda de rampas que hajam sido abandonadas, e agora estão a desempenhar o papel de reforço, ou calço, ao torreão que lhe fica por cima, no ponto mais alto do castro.

Os problemas levantados com o aparecimento daquela sucessão de paredes e outros referentes a dúvidas surgidas durante as escavações, foram postos a alguns dos arqueólogos visitantes, solicitando-lhes os respectivos pareceres ou opiniões. Houve diálogos francamente construtivos. Pelo que se viu e se discutiu foi muito proveitosa a visita àquele castro.

Seguiu-se a visita ao que se pode chamar o museu do castro.

Numa grande sala de um barracão, propriedade do Sr. Joaquim Ervedosa, estão guardados e expostos os materiais que têm sido recolhidos nos trabalhos até agora realizados.

Foi grande o interesse manifestado pelo abundante material de várias naturezas, pedra, cerâmica, ferro, bronze e de vidro, exposto em mesas e prateleiras, que bem merece ser publicado numa próxima oportunidade.

Já passava muito das 13 horas quando o cortejo automóvel seguiu para a Câmara Municipal de Sabrosa onde nos esperava

um esplêndido almoço oferecido pelo Sr. Joaquim Ervedosa. A refeição, primorosamente servida por senhoras de Sabrosa, foi acompanhada por um conjunto musical que deu àquela reunião um ar festivo com grande animação.

Aos brindes o Sr. Joaquim Ervedosa, como anfitrião, saudou os arqueólogos presentes e fez algumas, justas e bem oportunas, considerações sobre as escavações feitas no castro, trabalhos que tem acompanhado de perto com todo o interesse, na valorização progressiva daquele monumento arqueológico, que, além do seu valor científico, poderá vir a ser um elemento de atracção turística para Sabrosa.

Falou depois o Sr. Manuel Teixeira de Sousa Serôdio, ilustre Presidente da Câmara Municipal de Sabrosa, que manifestou a sua satisfação pela visita de um grupo de tão distintos arqueólogos portugueses e espanhóis, apresentando a todos cumprimentos de boas-vindas.

O organizador do Colóquio, em breves palavras, agradeceu ao seu prezado amigo Sr. Joaquim Ervedosa a maneira, tão distinta e cativante, como quis homenagear os participantes do Colóquio de Cultura Castreja na visita feita ao castro de Sabrosa. O Sr. Ervedosa pelo muito que tem feito pelo castro, acompanhando os trabalhos com todo o interesse e entusiasmo, inclusive subsidiando de seu bolso os trabalhos quando se esgotam as verbas, bem lhe podia chamar o *seu castro*.

A valiosa colaboração para os trabalhos de valorização do castro, prestada pelo ilustre Presidente da Câmara Municipal de Sabrosa foi, a seguir, realçada pelo Prof. Santos Júnior, que o felicitou pela inteligente cooperação que tem prestado às iniciativas do Sr. Joaquim Ervedosa. Em nome dos arqueólogos portugueses falou o Prof. Doutor D. Fernando de Almeida e em nome dos arqueólogos espanhóis D. Modesto Rodriguez Figueiredo, distinto advogado pontevedrés. Ambos exaltaram a atitude que tem presidido e orientado as escavações do castro de Sabrosa e o encanto e gallardia da forma como estávamos a ser recebidos. O jornalista Sr. Rogério Reis, apaixonado pelas belezas da imponente região trasmontana, fez oportunas considerações sobre o grande interesse dos estudos arqueológicos e valorização dos

castros e outros arcaicos monumentos, como por exemplo o Santuário de Panóias, inexplicavelmente abandonado.

No final o Senhor D. Domingos de Pinho Brandão, num brilhante improviso fez considerações sobre a visita ao castro, aos abundantes materiais nele colhidos, e àquela festa que era bem o reflexo do nobre sentimento trasmontano de bem receber os amigos. Daí a gratidão dos presentes e as justas saudações de efusivo agradecimento aos organizadores da tão distinta como afectuosa recepção, feita aos participantes no Colóquio de Cultura Castreja em Carvalhelhos, que a todos deu grande satisfação e, certamente, por todos será lembrada com aprazimento.

À meia tarde, e antes do regresso a Carvalhelhos, fez-se a visita ao Santuário de Panóias, que muito impressionou aqueles que o viram pela primeira vez.

Todos foram concordes na necessidade que há em defender e valorizar aquele notável monumento arqueológico que tão desprezado tem sido, apesar de há muito ser considerado monumento nacional.

Visita ao Castro de S. Vicente da Chã (Pisões)

No programa do Colóquio referente a 10 de Outubro, aludia-se à possibilidade de visitas de estudo ao castro de Lesenho ou ao castro de S. Vicente da Chã.

O castro de Lesenho fica a uns 3 ou 4 quilómetros de Carvalhelhos, perto da aldeia de Campos, píncaro dum grande monte cónico, com uma altitude de mil metros ou um pouco mais.

Nele apareceram duas estátuas de guerreiros lusitanos que hoje se encontram em Lisboa, no Museu Etnológico «Dr. Leite de Vasconcelos».

Naquele castro o Prof. Santos Júnior trabalhou alguns dias, apenas com três homens, pelo que se limitou a desobstruir uma entrada ou porta rasgada na muralha exterior, e a repor na muralha um certo número de pedras caídas da mesma.

As duas estátuas deram ao castro grande nomeada.

Na base daquele monte cónico, do lado do norte, há uma

boa fonte onde, certamente, os castrejos se abasteciam de água. Ao lado da fonte há um penedo com muitas gravuras rupestres. Na encosta do lado nascente, quase a chegar ao alto, há um penedo balouçante.

A visita a este castro teria certo interesse. No entanto deu-se prioridade ao castro de S. Vicente da Chã, pois que nele se fizeram 5 campanhas de trabalhos de escavação e restauro de algumas casas. Aquelas campanhas foram feitas pelo Instituto de Antropologia «Dr. Mendes Correia» da Universidade do Porto, com subsídios de Empresa Hidroeléctrica do Cávado, hoje incorporada na Empresa Portuguesa de Electricidade.

Em 10 de Outubro, um pouco depois das 9 horas, abalou-se de Carvalhelhos para Pisões. Seguiu-se pela estrada da Serra de Barroso com amplo horizonte de serranias e belo panorama sobre a grande albufeira da barragem de Pisões construída no rio Rabagão.

Demorou cerca de duas horas a visita de estudo ao Castro de S. Vicente da Chã, cuja muralha exterior fica submersa pela albufeira quando em pleno enchimento.

No final da frutuosa visita ao castro, a caravana automóvel dirigiu-se à esplêndida Pousada de Pisões, onde a Empresa Portuguesa de Electricidade recebeu gentilmente os participantes do Colóquio de Carvalhelhos num almoço que foi presidido pelo Sr. Dr. António Ferreira Pinto, ilustre Presidente da Câmara Municipal de Montalegre.

Depois do almoço seguiu-se a visita à central da barragem que foi ciceronada pelo Engenheiro residente. Visita que a todos deixou excelente impressão, pela grandiosidade daquela imponente obra de engenharia.

Última sessão de trabalho

À meia tarde do dia 10 de Outubro, após o regresso de Pisões, fez-se a última sessão da trabalho.

O Dr. D. Joaquin Lorenzo Fernandez fez a sua comunicação sobre «Metamorfose de uma casa castreja», na qual apresentou

e analisou, com notável espírito crítico e saber arqueológico, a transformação duma casa redonda em casa rectangular, no castro galego, conhecido pelo nome de Castro Mau (Celanova-Ourense), onde há anos tem realizado frutuozas campanhas de cuidadas escavações.

Em seguida o Dr. D. Modesto Rodrigues Figueiredo, apresentou a sua comunicação, «Outra vez coa ofiolatria-dous achadegos interessantes», na qual apresentou gravuras rupestres de serpentes insculpidas em penedos na proximidade de castros. Uma delas é formada por duas serpentes geminadas, na «Pedra da serpe» no castro de Penalba (Campo Lameiro-Pontevedra); a outra na «Pedra da Beilosa, no monte da Fontela, freguesia de Santa Marinha de «As Fragas», também no concelho de Campo Lameiro. Esta gravura interpreta-a o conferente, e parece que bem, não prôpriamente como representação de uma cobra viva mas «senón como a pelexa aberta de ise ofidio». Fez eruditas considerações sobre a ofiolatria, citando exemplos de outras gravuras rupestres serpentiformes, e algumas tradições populares referentes a cobras.

Estas duas brilhantes comunicações foram apreciadas por vários assistentes, nomeadamente pelo Prof. Santos Júnior, que agradeceu a comparticipação dos arqueólogos galegos, e, dada a excelência das duas comunicações, disse poder afirmar-se que o Colóquio fechou com chave de ouro.

Organizou-se a mesa com a presidência do Prof. Santos Júnior, secretariado pelos arqueólogos galegos D. Joaquin Lorenzo Fernandez e D. Modesto Rodrigues Figueiredo.

O prof. Santos Júnior, organizador e presidente do Colóquio, agradeceu, mais uma vez, aos arqueólogos portugueses e espanhóis os seus trabalhos que foram apresentados e discutidos.

Disse que agradecimentos eram também devidos às entidades oficiais e particulares que com o seu valioso patrocínio tornaram possível este Colóquio: Instituto de Alta Cultura, Fundação Calouste Gulbenkian, Câmaras Municipais de Chaves e de Sabrosa e Empresa Portuguesa de Electricidade.

Neste particular merece muito especial referência o valioso patrocínio da Empresa das Águas de Carvalhelhos, sem o qual

não teria sido possível realizar o Colóquio no ambiente de distinção e de conforto em que decorreu.

À Rádio Televisão Portuguesa endereçou cumprimentos de agradecimento por ter enviado uma brigada que se deslocou a Carvalhelhos para fazer a reportagem de alguns dos trabalhos e sessões de abertura e encerramento.

Por último em prosseguimento de troca de impressões havida nos dias anteriores foram discutidos, e aprovados, os seguintes votos, que se acordou serem oportunamente enviados, às entidades superiores.

Votos

Dado que as sociedades indígenas castrejas, primeiro celtizadas, a seguir romanizadas e depois cristianizadas, constituíram a base extreme em que entroncou, sólida e firme, a evolução social posterior, importa fazer o seu estudo, e assim o Colóquio Luso-Espanhol de Cultura Castreja, formulou os seguintes votos:

- a) Chamar a atenção das entidades oficiais competentes no sentido de se combater eficazmente a destruição dos castros, e bem assim de outros monumentos arqueológicos, muitos dos quais estão a ser vandàlicamente mutilados ou destruídos, com perda irreparável de elementos utilíssimos para o estudo da história e da cultura nacional.
- b) Importa proceder ao inventário dos nossos castros, num inquérito convenientemente orientado, para ficarmos a saber o número de castros que existiram no noroeste peninsular na Idade do Ferro.
- c) É preciso que os castros, conhecidos por múltiplas designações regionais, das quais as mais frequentes são talvez as de crastro, castelo dos mouros, cerca, coroa, muro e cidade, dado o seu grande interesse arqueológico, fiquem, desde já, sob custódia das entidades oficiais, nomeadamente das Câmaras Municipais e das Juntas de Freguesia, de modo a evitar a sua mutilação ou total destruição.

- d) Aconselhar que, segundo normas ou métodos de apurada técnica científica, se proceda à escavação dum certo número de castros, convenientemente escolhidos, um ou mais em cada distrito ou em cada região natural.

Com os materiais encontrados se proceda, com todo o cuidado, a uma ou outra reconstrução parcial.

Os achados, devidamente localizados, sejam conservados em museus regionais ou nacionais.

- e) Que nas escavações a que se refere o voto anterior seja interessada a juventude do país, convenientemente dirigida por técnicos responsáveis e de acordo com o questionário, ou normas gerais para o inventário dos castros, elaborado em sessão de estudo deste colóquio.

Os dois votos que seguem foram apresentados pela representação galega, e, como todos os outros, foram aprovados por unanimidade.

- f) Que dada a identidade da cultura castreja do Norte de Portugal e da Galiza, os estudos da mesma sejam realizados em íntima colaboração e participação mútua de especialistas das duas regiões.
- g) A representação galega declara modelar a restauração do Castro de Carvalhelhos e solicita às entidades portuguesas o referendo oficial desta afirmação.

Estes votos foram elaborados no decurso dos vários dias do Colóquio com as sugestões e pareceres dos arqueólogos participantes.

Lidos em sessão plena foram aprovados por unanimidade.

Jantar de encerramento do Colóquio

Na noite do dia 10 de Outubro, a Empresa das Águas de Carvalhelhos deu um jantar, em honra dos arqueólogos portugueses e espanhóis, em que participaram grande número de convidados do concelho de Boticas e da cidade de Chaves.

Presidiu o Sr. Dr. Rogério Bráulio Martins, ilustre Presidente da Câmara Municipal de Boticas, que tinha à direita a Senhora D. Cândida Gonzalez, viúva de D. Francisco Gonzalez, e à esquerda a Senhora de Santos Júnior.

Foi um jantar primorosamente servido, em que cerca de 80 participantes viveram umas horas de cativante e alegre convívio num ambiente de requintada distinção.

Aos brindes o Sr. António Setas, Presidente do Conselho de Administração da Empresa de Carvalhelhos dirigiu saudações às entidades oficiais presentes e aos arqueólogos participantes no Colóquio. Realçou o aprazimento com que a Empresa prestou o seu concurso à realização do brilhante colóquio de cultura castreja realizado em torno do castro de Carvalhelhos.

O prof Santos Júnior, num curto brinde, evocou a memória do seu querido amigo D. Francisco Gonzalez, a cuja inteligência, dinamismo e tacto administrativo, se ficou a dever o grande desenvolvimento desta grande Empresa, à qual augurou as maiores prosperidades.

Testemunhou agradecimentos à Empresa nas pessoas da Sr.^a D. Cândida Gonzalez, e do Presidente do Conselho de Administração, seu genro, Sr. António Setas, por tudo quanto se têm dignado fazer pelos trabalhos no castro de Carvalhelhos e pelo seu alto patrocínio ao Colóquio.

Aos brindes falaram, D. Domingos de Pinho Brandão, Prof. Doutor D. Fernando de Almeida, Dr. Joaquin Lorenzo Fernandez, Dr. Modesto Rodrigues Figueiredo e P.^o António da Eira, participantes do Colóquio. Dos convidados da Empresa para aquele jantar falaram, Dr. Francisco Gonçalves Carneiro, advogado em Chaves, e Dr. Manuel Ribeiro Ferreira, distinto médico portuense. Todos se referiram com apreço e louvor aos trabalhos do Colóquio e exaltaram a atitude mecénica da Empresa, exemplo que devia ser seguido por outras empresas, em prol do desenvolvimento do conhecimento científico.

Encerrou a série de brindes o Sr. Dr. R. Bráulio Martins, Presidente da Câmara de Boticas que saudou os arqueólogos

portugueses e espanhóis e pôs no justo e devido realce o importante papel que tem sido desempenhado pela Empresa das Águas de Carvalhelhos no desenvolvimento sócio-económico do concelho.

Uma demorada e vibrante salva de palmas foi o testemunho de homenagem de todos os presentes à Empresa, nas pessoas da Sr.^a D. Cândida Gonzalez e de seu genro Sr. António Setas.



Fig. 1 — Um grupo de participantes do colóquio na muralha do Castro de Carvalhelhos



Fig. 2 — Numa rampa de acesso à muralha do Castro de Carvalhelhos



Fig. 3 — No início de outra rampa de acesso à muralha



Fig. 4 — Acentuando um pormenor do alargamento da muralha para fazer a rampa



Fig. 5 — Ouvindo um parecer do grande etnógrafo e distinto arqueólogo galego Dr. Joaquim Lorenzo Fernandez, na visita às escavações do Castro de Carvalhos



Fig. 6 — Grupo de alguns participantes no Colóquio



Fig. 7 — Início da escavação da grande casa rectangular da vertente leste do Castro de Carvalhelhos



Fig. 8 — O distinto arqueólogo D. Domingos de Pinho Brandão, quis manobrar a ciranda com terra do miolo da casa



Fig. 9 — Na escolha da crivagem da terra da casa

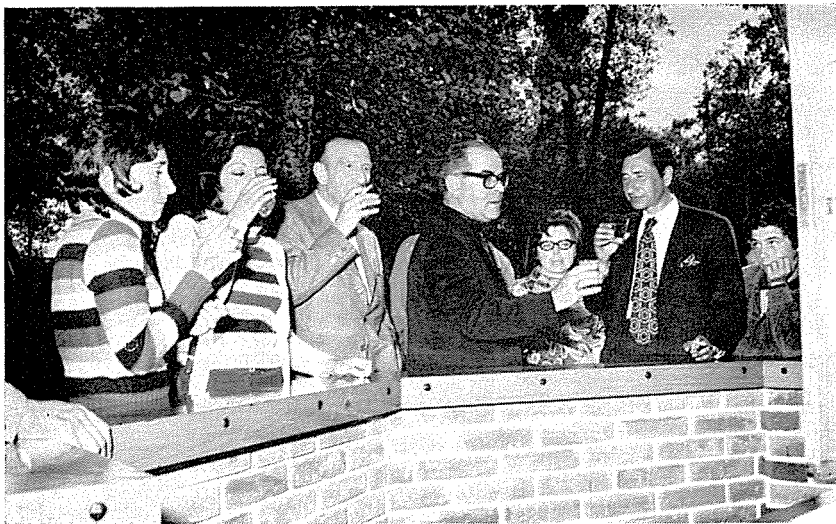


Fig. 10 — Participantes do Colóquio apreciando a excelência da Água de Carvalhos



Fig. 11 — Tapete rolante para o transporte do vasilhame pelas diferentes secções do engarrafamento da Água de Carvalhos

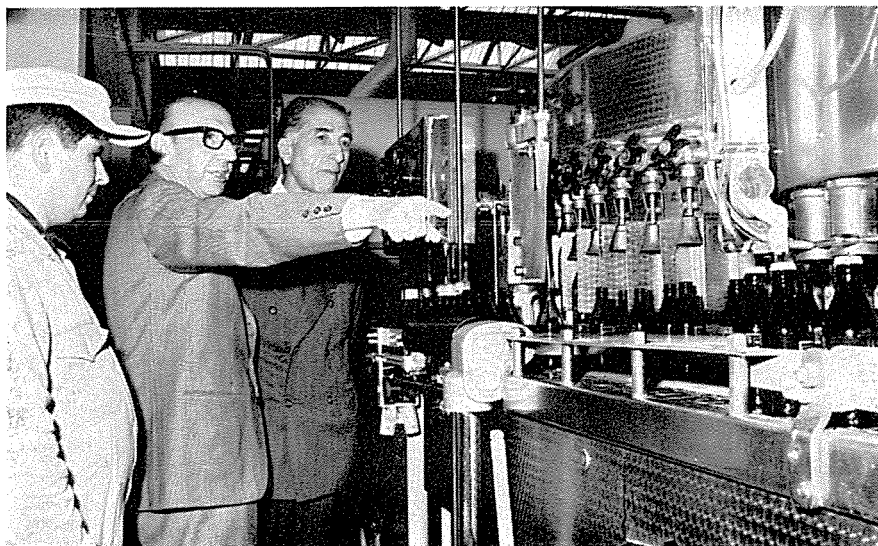


Fig. 12 — Vista parcial do engarrafamento: máquina de encher e capsular

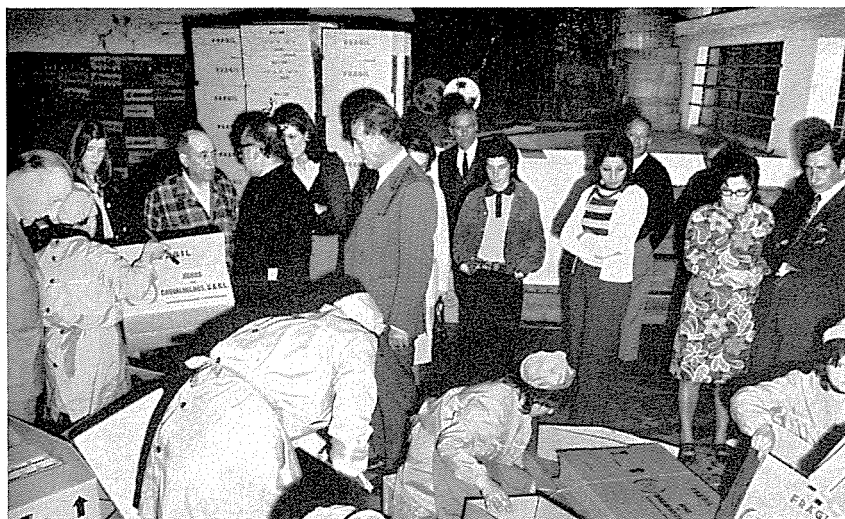


Fig. 13 — Os participantes do Colóquio visitaram as instalações do engarrafamento das Águas de Carvalhos. Nesta fotografia a embalagem de águas a exportar para a América do Norte



Fig. 14 — Parte do recinto cimeiro do Castro de Sabrosa. Avulta o torreão com várias paredes a circundá-lo, que parece desempenham o papel de calço ou reforço da sua base



Fig. 15 — Castro de Sabrosa. Aspecto da porção do lado nascente da muralha do recinto cimeiro, com três rampas de acesso à mesma e uma porta. No primeiro plano duas casas circulares



Fig. 16 — Santuário de Panóias. Inscrição gravada no lado de um penedo que tem à parte de cima uma pequena pia rectangular



Fig. 17 — Santuário de Panóias. Penedo com degraus rasgados no granito formando escada de acesso ao cima onde existem várias grandes pias rectangulares escavadas na rocha